COLIVING: UM MODELO DE HABITAÇÃO EM PROCESSO DE APROPRIAÇÃO NO BRASIL.

LIMA, Ana Catarina Gomes de[1](ana.catarina.gomes.lima@academico.ufpb.br); RUAS, Dalton Bertini[1](dalton.ruas@academico.ufpb.br)
[1]Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Palavras-chave: Coliving, Moradia compartilhada, Habitação coletiva

Resumo

No século XXI, o déficit habitacional se acentua nas cidades globais devido ao crescimento demográfico e à escassez de espaços urbanos centrais. Como alternativa para a falta de recursos e ao espraiamento urbano, otimiza-se o uso de ativos por meio de plataformas online da economia compartilhada e das práticas sustentáveis, como o manejo de resíduos urbanos. O *coliving,* surgido na era digital, atende às novas demandas flexíveis de moradia, como o trabalho remoto, e às mudanças nos grupos sociais, especialmente as necessidades dos jovens adultos. Inicialmente concebido como espaços compartilhados para profissionais com interesses comuns, o conceito evoluiu para atender a uma variedade de públicos, incluindo nômades digitais e idosos. A partir de 2015, o tema do *coliving* ganhou popularidade nos EUA e no Reino Unido, com pesquisas sobre os benefícios da vida em comunidade. No Brasil, a modalidade ainda é incipiente, com falta de regulamentação e estudos locais sobre o *coliving*, ainda que possa vir a se constituir como uma opção mais acessível de moradia em áreas urbanas valorizadas. Este estudo adota uma abordagem qualitativa, analisando literatura nacional e internacional, e sites de imobiliárias para entender a dinâmica do *coliving* no Brasil. Comparando com casos estrangeiros, constatam-se semelhanças e menor diversidade do público-alvo, dimensões e tipologias. A pesquisa destaca a necessidade de mais estudos nacionais para compreender e regulamentar o modelo à realidade local, ressaltando seu potencial para oferecer habitações compartilhadas bem localizadas, flexíveis e acessíveis economicamente.

INTRODUÇÃO

No século XXI, as cidades em diferentes contextosse deparam com desafios prementes ligados ao déficit habitacional, que emerge em decorrência do acentuado crescimento demográfico e da escassez de espaços urbanos centrais. Esse fenômeno é recorrente em densos centros urbanos, a exemplo das metrópoles globais São Paulo e Rio de Janeiro. O custo elevado das áreas urbanas centrais conduz a transformações nos padrões de vida urbanos, com um estímulo ao espraiamento urbano das habitações de interesse social.

A era digital, caracterizada pela interconectividade e compartilhamento instantâneo de informações, tem sido um fator determinante nesse cenário em mutação. A ascensão da economia compartilhada, conforme salientado por Rifkin (2014), é uma resposta à escassez de recursos, possibilitando o uso otimizado dos espaços e bens existentes. Através de plataformas online, indivíduos podem compartilhar habitações, veículos e outros ativos, fazendo com que estes sejam utilizados de modo mais otimizado segundo o modelo sustentável de cidade compacta (Stevenson et al, 2016).

Assim como as dinâmicas econômicas e sociais, a preocupação com a preservação ambiental deve ser protagonista na redefinição das formas de habitação urbana. O descarte inadequado de resíduos e a emissão excessiva de poluentes colocam em risco a sustentabilidade das cidades modernas. Autores como Benini (2015) destacam a importância da gestão de resíduos e da

criação de espaços verdes como medidas essenciais para a mitigação dos impactos ambientais negativos.

Como resposta às transformações sociais, pressões econômicas e ambientais, novas concepções de habitação são experimentadas nos grandes centros urbanos. A economia compartilhada surge como uma alternativa diante da escassez de recursos dos moradores e do planeta, enquanto as abordagens sustentáveis procuram conciliar o crescimento urbano com a preservação ambiental, de modo a reduzir o espraiamento urbano para proporcionar novas habitações.

Novas estratégias habitacionais são elaboradas para abarcar o cotidiano de um novo núcleo social mais fluido, de menor poder aquisitivo que se molda e assimila padrões espaciais como habitação compartilhada de espaços mínimos. O *coliving* é uma alternativa de habitação para resolver os problemas já indicados de falta de espaços centrais e os custos altos, combinando espaços privados, como o quarto e o banheiro, e espaços comuns compartilhados, como a cozinha e áreas de trabalho, além de vários serviços inclusos, como limpeza e a praticidade de reunir todos os custos em uma conta apenas. A proposta é viabilizada pelas novas demandas do mundo digital, como o trabalho em home-office e a perda do vínculo fixo com o local de trabalho, além de atender também a "geração do aluguel"[1] que surge em detrimento dessas novas dinâmicas de viver e trabalhar, que acabam influenciando uma mudança nas formas de morar com maior intensidade no público de jovens adultos (20-40 anos).

O conceito de *coliving* começou a se destacar a partir do ano de 2011 e está ligado às experiências de habitação compartilhada no Vale do Silício, onde vários trabalhadores da área de tecnologia se juntaram em casas da região, buscando formar um ambiente colaborativo, visando não apenas cortar custos, mas também formar uma comunidade com pessoas da mesma área e com interesses semelhantes (Osborne, 2018). Portanto, o conceito originário de *coliving* centra-se na ideia de um espaço compartilhado para poucas pessoas com interesses e trabalhos semelhantes, estimulando trocas mútuas e o compartilhamento de interesses comuns relacionados a suas respectivas áreas de atuação (Capibaribe, 2021). Porém, a partir da difusão do *coliving*, ocorreram adaptações para que fossem incluídos diferentes tipos de propósitos e públicos, como os nômades digitais, a geração dos "*millennials"*[2], a "geração do aluguel", jovens estudantes, profissionais em início de carreira e idosos que buscavam uma forma comunitária alternativa (Musílek, 2019; Osborne, 2018).

Nas últimas duas décadas o *coliving* tornou-se popular em países como Estados Unidos e Reino Unido. Nestes países, vários arquitetos e jornalistas já desenvolveram diversas pesquisas sobre os espaços compartilhados de *coliving* e as vantagens de se viver em comunidade, a exemplo: o artigo *"Happy Together"* publicado em 2016 na revista The New Yorker, que faz um relato sobre as vivências e experiências em um estabelecimento de *coliving* no Brooklyn; Rachel Osborne (2018) e Johnson (2016) também apresentam pesquisas sobre a vida em comunidade *coliving*.

O *coliving* ainda é um tema novo para os brasileiros, de gradual assimilação para um público interessado em morar em locais mais valorizados nas grandes metrópoles. Apesar de ser considerado um novo modelo de moradia, Osborne (2018) mostra pontos semelhantes do *coliving* com modelos consolidados como pensões ou pensionatos, onde o morador teria direito a fazer uma refeição pronta no local. No Brasil, seria possível comparar a experiência originária do

[1] Se refere a uma geração que está no período entre a casa própria e a independência financeira, que está em início de carreira e não possui tanta estabilidade ainda.

[2] Os "millenials" ou também chamada "geração Y" é um conceito dado aqueles que nasceram após o início da década de 1980 até, aproximadamente, o final do século. Representam uma geração nascida e crescida após a difusão da internet

coliving às repúblicas estudantis, imóveis locados para estudantes, na qual há o compartilhamento dos espaços e intereses comuns. Uma diferença de gestão com a economía compartilhada é que as repúblicas podem ser geridas pelos próprios moradores e cada uma possui regimento interno próprio, de maneira que são os próprios residentes os responsáveis pela seleção de estudantes (Estevão-Rezende, 2023). O coliving não é gerido necesariamente pelos moradores, e ao promover condições de uso que estão nos limites da legalidade pela falta de regulações, o coliving poderá apresentar conflitos de interesse como as outras experiências da economia compartilhada, exemplificado pelo aplicativo de transporte Uber e o aplicativo de entrega de refeições à domicílio Ifood.

Revisando a literatura nacional, observa-se que os trabalhos de *coliving* reportam-se a casos estrangeiros, à exceção de Mendonça (2020), que fala resumidamente sobre dois casos de *coliving* em São Paulo. Como forma de ampliar as discussões sobre o *coliving* no Brasil, esse trabalho visa pesquisar sobre este modelo de moradia compartilhada que vem sendo introduzida no Brasil desde 2012, entender as dinâmicas que estão influenciando as pessoas a utilizarem esse modelo moradia compartilhada e apresentar como o conceito de *coliving* está sendo apropriado pelas imobiliárias brasileiras.

Metodologia

A pesquisa, em estágio inicial, adota uma abordagem qualitativa a partir da consulta bibliográfica de fontes secundárias feita mediante literaturas nacionais e estrangeiras, artigos obtidos em bases como o Periódicos Capes e o Google Acadêmico, além de sites de imobiliárias e blogs da internet que comentam o assunto do *coliving* no Brasil. Neste primeiro momento, o levantamento de dados subsidia uma análise comparativa entre *coliving* produzido no exterior e sua aplicação no Brasil a partir de exemplos divulgados em imobiliárias. Em um segundo momento que ultrapassa esse artigo, seriam pesquisados exemplos informais que se aproximam do coliving, de modo a confrontar a assimilação das imobiliárias brasileiras às apropriações espontâneas e semelhantes já existentes de moradia. Para ilustrar a análise comparativa no caso brasileiro, que conta com poucas referências, foram produzidas imagens-sínteses que pudessem apresentar aspectos tipológicos entre os tipos de coliving exemplificados, visando facilitar a compreensão sobre a dinâmica dos espaços coliving e confrontar as relações volumétricas entre os espaços compartilhados e privados. Neste artigo, os estudos mais aprofundados concentraram-se nos espaços compartilhados localizados em capitais brasileiras que enfrentam o espraiamento urbano (São Paulo e Porto Alegre), visto que os espaços privados possuem uma grande variação de configuração, mesmo dentro do mesmo exemplo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Definição de coliving

O *coliving* é um modelo de habitação compartilhada em ascensão como um meio de habitação alternativa para atender aos novos modos de viver da geração "*millennials*". Esse modelo propõe uma moradia onde os residentes poderão alugar um espaço privado, às vezes com cozinhas ou banheiros privados, e que todos os serviços auxiliares como limpeza e refeições são fornecidos por terceiros, fazendo com que esses residentes ganhem mais tempo diário para se dedicar a outras atividades. O compartilhamento dos espaços é visto como uma forma de proporcionar uma habitação colaborativa e comunitária para jovens estudantes, trabalhadores iniciantes e nômades digitais, que incentiva relações sociais e profissionais de modo econômico e flexível. (Silva; Schwanz, 2019).

Segundo Rachel Osborne (2018), os estabelecimentos *coliving* podem ser categorizados em três dimensões: pequeno porte —de 5 a 30 apartamentos—, médio porte — de 34 a 51 apartamentos — e grande porte —de 200 a 500 apartamentos. Há uma associação direta entre tamanho de cada estabelecimento com o tipo de relações que são estabelecidas entre os moradores: por exemplo, em um local com poucos quartos como o empreendimento Oka Dona Laura, na cidade de Porto Alegre, os moradores conseguem usufruir muito melhor da sua privacidade e da companhia de seus colegas do que em um estabelecimento como o *Kasa,* em São Paulo, onde as trocas são mais impessoais e o compartilhamento de experiências de menor vinculo social para seus 200 moradores.

A autora diferencia o *coliving d*e outras formas de habitação compartilhada a partir da permanência. No *coliving*, por ser um tipo de habitação com locação flexível, há maior rotatividade de moradores do que em um conjunto habitacional comum. Ao invés do estabelecimento de vínculos comunitários para fortalecer o uso dos espaços públicos externos e da rede de cooperação próxima de modo contínuo, são prevalentes a transitoriedade das relações e a fluidez das estruturas sociais, conforme analisados por Bauman (2021). Ainda sim, a habitação compartilhada pode minimamente contrabalancear a efemeridade das conexões humanas, uma vez que a partilha de espaços cria laços temporários e um senso de pertencimento transitório que supera a conexão com o local da propriedade individual. Lefebvre (2006) estabelece uma relação entre espaço, tempo e vida cotidiana: para o *coliving*, a comunhão de experiências e o sentido de pertencimento se baseiam na coexistência, rotinas compartilhadas e negociação de espaços, cujas ações ampliam as necessidades de interações sociais para suprir as necessidades individuais.

Além disso, o estilo de moradia proposto pelo coliving promove a sustentabilidade a partir do uso eficiente de recursos. Ao fazer com que as pessoas compartilham recursos em vez de possuí-los individualmente, como espaço, energia, água e eletrodomésticos, o coliving possibilita a redução o consumo per capita de recursos muitas vezes não renováveis. O uso eficiente de recursos se projeta até na escala urbana, com a maior facilidade de acesso a transporte público, oferecendo opções de deslocamento mais sustentáveis e reduzindo a dependência de carros, preceitos esses promovidos pela cidade compacta.

Tipos de *coliving* no exterior

Existem diversas variações de coliving, cada uma com características e propósitos específicos para atender às necessidades e preferências dos diferentes tipos de moradores.

Musilek (2019) expõe que durante seus estudos de espaços *coliving* pôde perceber as diversas alterações, como a adaptação de tamanho e organização funcional. Ele identificou quatro tipos de *coliving* que se diferenciam em relação ao discurso e prática abordada originalmente:

1.1.1 *Coliving tradicional: com foco em comunidade e empreendedorismo*

Esse modelo nasce a partir de uma comunidade de indivíduos com interesses profissionais semelhantes, assemelhando-se ao conceito original de *coliving*. Esses grupos, tipicamente formados por empreendedores e profissionais de tecnologia, buscam estabelecer uma comunidade alinhada a seus ideais e metas.

1.1.2 *Coliving com foco em trabalho e viagens*

O modelo comum em destinos turísticos atrativos, oferecendo hospedagem, moradia temporária e espaço de trabalho para nômades digitais, trabalhadores remotos e viajantes.

1.1.3 *Coliving para jovens profissionais*

São empreendimentos imobiliários com o objetivo de oferecer uma alternativa de habitação colaborativa em grandes centros urbanos para profissionais jovens adultos, geralmente da geração *millennials,* com serviços e facilidades domésticas.

1.1.4 *Coliving de luxo:*

Essa é uma tipologia de *coliving* que tem pouca relação com o propósito inicial de *coliving*. São espaços focados em fornecer acomodações de luxo em ambientes residenciais colaborativos localizados em mercados imobiliários lucrativos.

***Coliving* no Brasil**

Embora ainda seja uma opção relativamente recente de moradia, durante os últimos anos de pandemia, e principalmente após ela, há um crescente interesse pelo tema: segundo o site *Coworking* Brasil (2021), dados levantados pelo Grupo Zap afirmam que cerca de 30% dos brasileiros estariam dispostos a alugar um modelo de *coliving*.

No Brasil, o *coliving* é mais comum em grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde a oferta de imóveis é maior e há mais demanda por alternativas de moradia mais acessíveis. A maioria dos estabelecimentos de *coliving* no país são voltadas para jovens estudantes e profissionais, enquanto outras atendem a públicos mais variados como nômades digitais e aposentados (Cavadas, 2021).

Uma das principais vantagens do *coliving* no Brasil é a possibilidade de morar em regiões privilegiadas das cidades, como bairros nobres e próximos a áreas de lazer, com custos mais acessíveis do que em opções de moradia convencionais. Além disso, o *coliving* permite que os moradores economizem em despesas como contas de luz, água e internet, já que esses custos são divididos entre os residentes (Cavadas, 2021).

O *coliving* no Brasil enfrenta obstáculos como falta de regulamentação e resistência do mercado imobiliário (Cavalli, 2022), apesar de seu potencial para oferecer moradia sustentável e colaborativa.

Embora o *coliving* seja uma tendência global, existem algumas diferenças entre o *coliving* produzido no Brasil e o *coliving* produzido internacionalmente. Algumas dessas diferenças incluem:

Grupos sociais: Os *colivings* internacionais geralmente são projetados para atender a uma variedade de grupos sociais e necessidades, incluindo famílias, profissionais, estudantes e viajantes. No Brasil, os *colivings* se concentram em jovens profissionais e estudantes universitários, propondo espaços muito pequenos como quartos ou studios.

Regulamentação: A regulamentação do *coliving* no Brasil ainda está em desenvolvimento, enquanto em muitos países europeus e norte-americanos, o *coliving* já é uma forma consolidada de moradia. Segundo Cavalli (2022), o *coliving* ainda não tem cobertura em lei acerca de assuntos como período mínimo de estadia, responsabilidades dos residentes perante o condomínio, ou limitações de atividades. Essa diferença pode afetar a qualidade dos *colivings* brasileiros, bem como a segurança e proteção dos residentes.

1.1.5 *Tipos de coliving no Brasil*

No Brasil, ainda são poucos os exemplares que se reconhecem como *coliving*, e no recorte utilizado, serão apresentadas as tipologias de *coliving* ofertadas por grupos imobiliários que constituem como exemplos significativos dos exemplos existentes.

Em primeiro, a edificação vertical do grupo Kasa, localizada na Vila Olímpia em São Paulo. A proposta oferece cinco arranjos residenciais a partir de um conjunto de espaços compartilhados que abrangem cozinhas, áreas de exercício físico, terraços, instalações de lavandaria e espaço de *coworking*. A natureza desse empreendimento é orientada para o público jovem, compreendendo estudantes universitários e profissionais em estágios iniciais de suas trajetórias profissionais. Os custos associados às distintas categorias de alojamento variam entre dois e quatro mil reais para um dos bairros de maior custo na cidade de São Paulo. Há uma divisão volumétrica entre a torre de habitações privativas e o bloco menor das atividades compartilhadas. A Figura 1 mostra alguns dos espaços compartilhados que compõem o edifício Kasa.

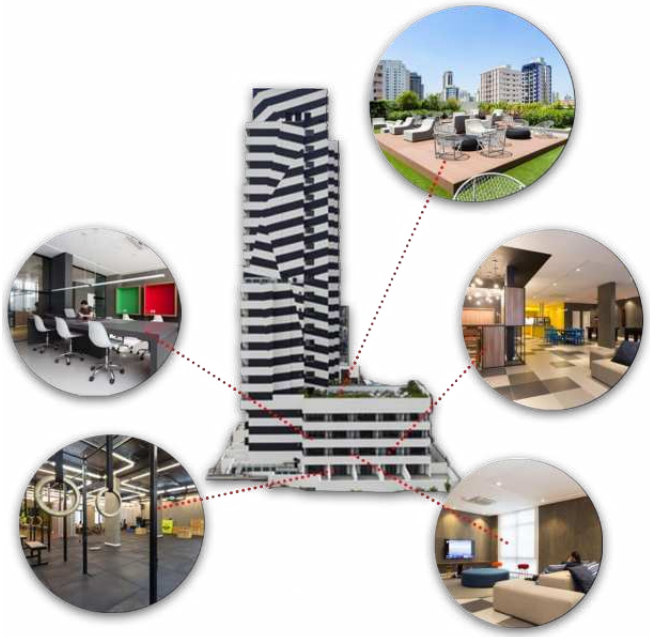

Figura 1. Espaços compartilhados do edifício Kasa, adaptado de Kasa.com(sd).

Outro empreendimento de *coliving* é o Uliving, presente em várias cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Campinas e Porto Alegre, e que tem como foco o oferecimento de habitação para jovens estudantes. Seus edifícios disponibilizam apartamentos compactos em regiões de elevados custos, oferecendo na mesma conta os serviços de aluguel, condomínio, manutenção, IPTU, água, gás e internet além dos espaços compartilhados de salas de cinema, espaços de trabalho, áreas de esportes e cozinhas. Os valores por cada opção de apartamento são bem

semelhantes aos do grupo Kasa e variam de 2 mil a 4 mil reais. A volumetria, em um único bloco, aloca a área privativa no miolo, com os primeiros andares e a cobertura sendo compartilhadas. A Figura 2 apresenta os espaços compartilhados presentes no edifício Uliving Paulista, concentrados nas extremidades verticais do edifício (térreo e cobertura).



Figura 2. Espaços compartilhados do edifício Uliving Paulista- São Paulo, adaptado de Uliving.com (sd).

O grupo Oka é um empreendimento que oferece vários estabelecimentos de moradia *coliving* em Porto Alegre, e é o mais próximo do conceito original de *coliving* por sua escala de pequeno porte. Os edifícios do grupo vão de 4 até 21 quartos, com espaços comuns como sala de estar, lavanderia, cozinha e outros serviços como limpeza e internet inclusos no aluguel. O aluguel de cada quarto varia entre mil a 2,5 mil reais. A Figura 3 apresenta os espaços compartilhados da instalação Oka Dona Laura, um local de uma construção térrea e bem localizada, que pode ser de acessível para moradores de menor poder aquisitivo. Neste exemplo, a casa readaptada é utilizada no pavimento inferior e na testada da rua de modo compartilhado, com a área privativa sendo localizada no interior do lote no pavimento superior.



Figura 3. Espaços compartilhados do edifício Oka Dona Laura – Porto Alegre, adaptado de Okacoliving.com (sd)

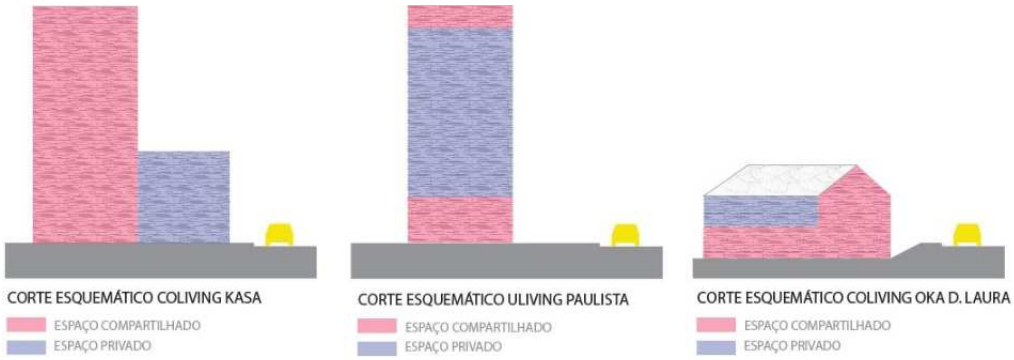

Figura 4. Síntese esquemática dos modelos brasileiros pesquisados. Fonte: autores

CONCLUSÕES

O *coliving* constitui-se mundialmente como uma alternativa flexível, potencialmente econômica e sustentável de moradia. No Brasil desde 2012, o *coliving* expandiu consideravelmente sua utilização – em especial, com a presença da Uliving – e apesar da baixa adesão de brasileiros a este modelo, há uma latente demanda que pode vir a se desenvolver. Pelo fato de não ter uma legislação específica, o crescimento desregulado deste modelo pode se converter em problemas qualitativos, como já evidenciado em outras plataformas da economia criativa. Seria importante estabelecer os critérios de máximo uso compartilhado, assim como a garantia de uma área mínima privativa, de modo que esses limites aferissem os atributos esperados deste modelo, sem privá-los de modificações e adaptações futuras.

Por ser uma proposta de habitação flexível, o conceito originário sofreu algumas modificações no mercado imobiliário com o objetivo de atender às várias necessidades emergentes. Esse processo "desmembrou" o *coliving* em várias tipologias pelo mundo, conforme o exposto no tópico 3.2.

Ao se comparar o *coliving* produzido no exterior e o *coliving* que está sendo produzido pelas imobiliárias brasileiras, notam-se algumas semelhanças, referentes a(o): a) o público-alvo, constituído no Brasil de jovens estudantes e trabalhadores em início de carreira que ainda não possuem uma estabilidade financeira, isto é, a "geração do aluguel"; b) dimensão, cujos exemplos mostrados no Brasil apresentam diversas escalas, desde um *coliving* de grande porte para 200 pessoas, como o Kasa, até um de pequeno porte, para 20 pessoas, como o Oka; c) tipologias, que para os modelos estrangeiros foram apresentados 4 tipos de variação do *coliving*. Quanto às tipologias brasileiras, os exemplos aqui tratados poderiam ser classificados em 2 tipos: o *coliving* para jovens e o *coliving* de pequeno porte, com três formas de articulação volumétrica entre os espaços compartilhados e privativos.

O *coliving* para jovens, exemplificado pelos modelos Kasa e Uliving, se assemelham aos exemplos internacionais da mesma categoria, em que as divisões entre privado e compartilhado são bem definidas, seja pela disposição em distintos andares ou volumes; já o *coliving* de pequeno porte é exemplificado pelos modelos de habitação da Oka, com espaços compartilhados que permitem que seus usuários usufruam de uma maior convivência e sobreposição de atividades, com funções compartilhadas situadas no mesmo pavimento das privativas. Tais habitações possuem uma dinâmica espacial e de escala semelhante à aplicada na pela proposta inicial do *coliving,* uma casa ou um espaço menor.

O comparativo entre os modelos acentuou distinções entre as tipologias apresentadas, com a falta de diversidade do público-alvo no Brasil. Trata-se de um processo que está em fase de aceitação, mas que já possui exemplos bem consolidados apesar do isolamento social imposto durante a pandemia de Covid-19.

Ademais, é importante ressaltar a falta de trabalhos acadêmicos desse modelo habitacional no país e reiterar a importância de se olhar para a arquitetura que é disponibilizada e como ela pode responder às necessidades emergentes do habitar em grandes centros. Dessa forma, este estudo revela que é possível estabelecer uma habitação compartilhada, que seja tanto economicamente viável quanto bem situada, contrariando a concepção de que para se morar bem e com recursos limitados demanda a residência em áreas periféricas distantes dos centros urbanos. Essa abordagem alinha-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, especialmente os Objetivos 8 e 11. O Objetivo 8, que visa promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, está intimamente relacionado com a busca por soluções habitacionais acessíveis. Além disso, o Objetivo 11, que busca tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, ressalta a importância de repensar as moradias existentes para se adequarem a uma abordagem mais sustentável, exigindo adaptações nos modos de vida convencionais. Portanto, a transformação das residências já existentes pode não apenas melhorar as condições de vida, mas também contribuir significativamente para a realização desses objetivos globais de sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benini, S. M. (2015). Infraestrutura verde como prática sustentável para subsidiar a elaboração de planos de drenagem urbana: estudo de caso da cidade de Tupã/SP. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia).

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123900/000831443.pdf?sequence=1&is>.

Bauman, Z. (2021). Modernidade Líquida. Rio de Janeiro, Zahar.

Capibaribe, D. N. (2021). Estudo comparativo entre cohousing e coliving: alternativas colaborativas de habitação. Programa de Iniciação Científica, Centro Universitário de Brasília. Brasília, Brasil.

Cavadas, M. (2021). Coliving no Brasil: como anda o mercado de moradia compartilhada? Coworking Brasil. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/news/coliving-no- brasil-como-anda-o-mercado-de-moradia-compartilhada/>.

Cavalli, M. R. (2022). A Economia Compartilhada e o Futuro Do Coliving No Brasil. Machado, Meyer, Sendacz E Opice Advogados. Disponível em: <https://www.machadomeyer.com.br/pt/inteligencia-juridica/publicacoes-ij/imobiliario/a- economia-compartilhada-e-o-futuro-do-coliving-no-brasil>.

Estevão-Rezende, Y. A. (2023). Elementos que incorporam vidas, reiteram lugares sociais, conectam e pertencem: agência dos não-humanos em um contexto estudantil Revista Antropolítica, v. 55, n. 3, Niterói, e55506, 3. quadri., set./dez., 2023

Johnson, C. (2016). “New Guide Explores the Past and Bright Future of Coliving.”. SHAREABLE. Disponível em: <https://www.shareable.net/blog/new-guide-explores-the-past-and-brightfuture-of-coliving>.

Kasa. (sd). Disponível em:<https://kasa.com.br/#apartamentos>.

Lefebvre, H. (2006) A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l’espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>.

Mendonça, M. A. de. (2020). COLIVING: modelo de arquitetura para uma nova tendência urbana. TCC (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Taubaté, Taubaté, Brasil. Disponível em:< http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/4299>.

Musilek, K. (2019) Making Life Work: Work and Life in Coliving. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia, Universidade de Durham, Inglaterra..

Oka Coliving. (sd). Disponível em: <https://www.okacoliving.com.br/nossos-colivings>.

Osborne, R. (2018). Best Practices For Urban Coliving Communities. Tese de Doutorado (Interior Design Program). Universidade de Nebraska, Estados Unidos.

Rifkin, J. (2014) The Zero Marginal Cost Society: The Internet of Things, the Collaborative Commons, and the Eclipse of Capitalism. Palgrave Macmillan Publishers.

Silva, G. F. da; Schwanz, A. K. (2019) Histórico da coabitação, com ênfase na forma de viver em co-living. Anais. XXIV Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão. Cruz Alta, Brasil.

Stevenson, M.; Thompson, J.; de Sá, T. H.; Ewing, R.; Mohan, D.; McClure, R.; Roberts, I.; Tiwari, G.; Giles-Corti, B., Prof ; Sun, X., ; Wallace, M.; Woodcock, J. (2016). Land use, transport, and population health: estimating the health benefits of compact cities. The Lancet (British edition), 2016, Vol.388 (10062), p.2925-2935

Uliving. (sd). Disponível em: <https://uliving.com.br/sao-paulo/paulista/>.

Widdicombe, L. (2016) "Happy Together". The New Yorker. Disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2016/05/16/the-rise-of-the-co-living-startup>.